



SESSÃO EXPERIMENTAL NO CINE BRASÍLIA TESTOU MANEIRAS DE INCLUIR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA PLATÉIA DO 40º FESTIVAL DE CINEMA DE BRASÍLIA

Festival quer incluir deficientes visuais

LÍGIA MARIA LOPES
DA EQUIPE DO CORREIO

O cinema é arte visual por definição, mas a platéia que compareceu à sessão excepcional do Cine Brasília era praticamente formada por cegos. Vinte pessoas com deficiência parcial e total da visão passaram a tarde de ontem no cinema cult da cidade com um objetivo: capturar as emoções do filme e compreendê-lo por meio da concentração e da percepção dos sentidos. Mas o desafio delas era maior: o grupo busca meios de fazer com que os cegos participem do 40º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro sem precisar de intérpretes. “Por vezes, os intérpretes atrapalham o clima da sessão, com os ruídos e as falas. Os cegos não querem chamar a atenção, mas se misturar com os comuns. Querem viver coisas que a maioria das pessoas considera simples, mas que para nós é maravilhoso”, conta Noeme da Silva, 46 anos.

Há 17 anos Noeme sofreu um acidente de carro e aos poucos sua visão foi roubada por um glaucoma gravíssimo — seqüela do desastre. Mulher de fibra como toda nordestina, a maranhense não desistiu da vida e preparou-se suavemente para receber as brumas que se aproximavam.

OS CEGOS NÃO QUEREM CHAMAR A ATENÇÃO, MAS SE MISTURAR COM OS COMUNS. QUEREM VIVER COISAS QUE A MAIORIA DAS PESSOAS CONSIDERA SIMPLES, MAS QUE PARA NÓS É MARAVILHOSO

Noeme da Silva

Seis anos após o episódio, ela estava completamente cega, mas nem por isso menos feliz. Algum tempo depois casou-se com um cego e com ele teve um filho, Luis Felipe da Silva Vaz, de 7 anos, companhia inseparável do casal, que ama cinema. “No cinema, a gente se sente mais vivo”, suspira Noeme. Na tarde de ontem, a funcionária da Biblioteca Braille do Distrito Federal assistiu a dois filmes: o curta *Rap da Ceilândia*, premiado na mostra de 2005, e o longa *Cafundó*, em cartaz no Cine Brasília. O curta que conta com depoimento de quatro consagrados artistas do rap nacional — X, Jamaika, Marquim e Japão, todos moradores de Ceilândia —, mostra a reflexão dos rapazes acerca da própria condição marginal — pobre, preto e ceilandense. “Eu me senti junto com aqueles meninos de Ceilândia, separa-

da do mundo como eles. Fiquei emocionada”, diz Noeme.

Quando *Cafundó* entrou, o clima do cinema foi transformado. Em meio à escuridão, sussurros e longos períodos de silêncio deram lugar aos comentários e risos. “Esse é um filme mais complexo, com muitos cortes e imagens sem fala. Exige mais concentração e sensibilidade, mas sem dúvida é o melhor que já vi com atuação de Lázaro Ramos”, analisa o cego Ruy Bicalho, de 60, sem medo de tropeçar no verbo. Afinal, o ato de ver exige percepção que vai além do olhar. Ver bem requer ainda emoção e repertório de vida para compreender os elementos da narrativa, explica ele aos amigos no fim da sessão.

Como Noeme, Ruy contou com a ajuda de uma amiga, que descrevia as cenas. Mas a ajuda pode não ser mais necessária na

próxima edição da mostra cultural mais importante da cidade: a figura do intérprete, sentado no cinema ao lado do cego, deverá dar lugar ao tradutor invisível, do tipo que se usa para traduções simultâneas em conferências internacionais. “Deveremos ter 30 fones para os cegos que quiserem assistir ao festival, além de dois atores, um homem e uma mulher, que farão a descrição das cenas sem falas. Mas essa é uma das idéias que estamos testando aqui”, diz a diretora de Inclusão Cultural da Secretaria de Cultura do DF, Dolores Tomé. É dela a iniciativa de levar cegos para cinemas comuns e não criar sessões especiais para deficientes visuais. “Esse negócio de separar as pessoas é complicado, faz parecer gueto”, critica Dolores Tomé.

Quem critica a segregação cultural das pessoas, mas no sentido dos espaços físicos, é o secretário de Cultura Silvestre Gorgulho. Para ele, Brasília contraiu um passivo cultural com os deficientes físicos e visuais, uma vez que os espaços destinados à cultura na cidade não permitem acessibilidade. “À exceção do Museu de Brasília, os deficientes não têm acesso à cultura. Trazer os cegos para a mostra de cinema mais importante do país é apenas o primeiro passo para mudar esse quadro”, afirma o secretário.